“Prefiro o desespero mais profundo ao tédio”
Myrna R.R.P.

Devir e Esquecimento

A amargura que o dia prelude,
Tão concreta quanto o vasto carbono,
Mina minha fome, suspende meu sono,
Pois cada vil dia, ao passado alude.

Como esquecer o que ´inda não pude?
Onde guardar-me do jugo do assomo?
Quando arderá o meu grito, já mono,
Cravado fundo, num frio ataúde?

Quanto tempo cabe em um só minuto?
Quando minha pele toca este horto,
E quando encaro este verme arguto?

E no mar de pranto que crio sem porto,
Ergo um vestígio de um amor bruto,
Deito uma sombra de um sonho morto.

Hedonista

Sofro de uma doença egoísta,
Assaz para um poema lacônico,
Que expresse em lamurio crônico,
Tudo o que sou: Vã e Hedonista.

Meu corpo usado de forma ativista,
Orna o mundo qual um torso jônico,
Em real um espírito harmônico:
Sou eu amoral ou tu um simplista?

Qual será a paga quando a morte surgir?
O equilíbrio algébrico da ida:
A mesma suja terra há de nos unir.

Ah! Mas o verme de nossa pós-vida,
No miasma ainda irá preferir,
Meu coração a sua alma vendida!

Essere e il nulla della veritá

Em tais brancas páginas iriantes,
Deito, via o extremo da pena,
A amargura que n´alma empena.
Reflexo macro do ontem, do antes.

Medo e ternura, então sitiantes,
Misturam-se à tinta que envenena,
E os espólios, em voz mais amena,
Erguem-se quais os titãs e gigantes!

O ser e o não ser em épica luta.
Quere, porém ter a verdade minada!
O que nos afirma também nos refuta.

E o cansaço me prostra calada,
Pois na afasia o gênio permuta,
A igualdade entre o ser e o nada.

Loucura

Perde-se o espírito, sem nome, sem guia,
Da rua na via febril da loucura!
Beijando o oco com lábios malditos,
Talhando em ritos a laje escura.

Entende-se alma o que o corpo transpira.
A cética ira, a angústia minada!
Mas sobra do surto a vaga imagem,
A vida, miragem, virtude do nada.

Mundo

Sonhar-te, mundo, nesta vala estreita,
Crendo-te vivo, e a mim, no entanto,
Sabendo cobrir-me o fático manto.
Instinto incerto da morte que espreita.

Cantar-te, mundo, em tua tétrica seita.
Erguendo além do febril desencanto,
Do pudico coro o grito de espanto,
Atendo, meus versos, no que me rejeita.

O mundo cria a ilusão que embala.
Estio da alma, este campo sangrento,
Tão pouco sorrimos, tão logo nos cala.

Mundo, mudez, não me servem de invento!
E enquanto o fim aqui se instala,
Torno o silencio meu vil argumento.

Canthu Floris

Há um refúgio atônito desta abstinência,
Feito devaneio, diminuto, antiopressivo.
Calo, e em meu silêncio, ergo agressivo,
O elemento augusto de minha consciência.

Teor das formas castiças, infecciosas!
De todos os sentires bestiais e anêmicos!
Querer suprimir de meus ossos endêmicos,
Similar semblante que guardam as rosas.

Qual tais perfumes, meu verso é maldito,
Este estado ambíguo, ser lume e geleira,
Que faz de meu canto o réquiem inaudito.

Qual tais malditas também sou mensageira,
Meu verso é dos amantes o lume, o infinito,
É o adorno dos mortos, é o verme, é a poeira.

Criação

Orna meu peito a morte, outra cousa,
Um verso repousa, mas sempre atento.
O frio que estimo e que n´alma perdura,
Afaga a loucura, o caos e o tormento.

E louca percorro tantas vielas e cujas,
Abrigam tão sujas, o meu abandono.
No torpe silêncio ergui o meu pranto,
Em forma de canto, em marmóreo sono.

E dos viveres que deixo em segredo,
Recolho com medo, os versos imundos.
Finda meus sonhos de horas tardias,
E o que crio em dias, acaba em segundos.

Dia de Finados

Corrompi o espírito vendo o outono,
Dos ossos e sonhos vendidos e puros.
Suguei o tutano, e os restos impuros,
Cuspi para os mortos, servos do sono.

Calcando o infinito, o vasto carbono,
Viso outros tantos olhares tão duros,
Densos, amargos, cercados por muros,
Risos traídos pelo arguto abandono.

Deitam os vivos também de fraqueza,
No ventre da terra, miasma e aquarela.
Na muda agressão da mestra certeza.

E meu triste olhar tornou-se a janela,
De fora pra dentro atendo a tristeza,
De dentro pra fora chorando a mazela.

Do Futuro

Não tenho anseios, não tenho o futuro.
Somente costuro retalhos sonhados.
Mantenho-os, tão tristes, sós e incertos,
Em olhos desertos, em mim aninhados.

Calco um caminho tão cheio de curvas
E em águas tão turvas jaz submerso,
Um sopro cortante em forma de rito,
O eco do grito, meu morto universo.

O sonho de ser pleiteia-me em viço,
Que afogadiço transcende-me o muro,
Busco infindo vive-lo e, sem meios,
Afogo em receios...não tenho futuro.